



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

GIVALDO GOMES DUARTE

A INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

GIVALDO GOMES DUARTE

A INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas –*Campus* do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marilza Pavezi

Co-orientador: Prof. Dr. Thiago Trindade Matias

DELMIRO GOUVEIA – AL

2022

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca do Campus Sertão

Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

D812i Duarte, Givaldo Gomes

A inclusão de surdos no ensino fundamental / Givaldo Gomes
Duarte. - 2022.
39 f.

Orientação: Marilza Pavezi.

Coorientação: Thiago Trindade Matias.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Pedagogia. Delmiro Gouveia, 2022.

1. Educação especial. 2. Educação básica. 3. Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. 4. Educação inclusiva. 5. Inclusão. 6. Aluno surdo. 7. Família. I. Matias, Thiago Trindade. II. Título.

CDU: 376

Folha de Aprovação

GIVALDO GOMES DUARTE

A INCLUSÃO DE SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras, da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa Dra Marilza Pavezi

Co-orientador: Prof. Dr. Thiago Mathias Trindade

Aprovado em 10 de dezembro de 2022.

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MARILZA PAVEZI
Data: 31/01/2023 09:51:49-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Marilza Pavezi (Orientadora)
Universidade Federal De Alagoas-UFAL/ Campus Sertão

Documento assinado digitalmente
 FABIA PEREIRA DA SILVA
Data: 01/02/2023 07:27:34-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva (1ª Examinadora)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão

Documento assinado digitalmente
 THIAGO TRINDADE MATIAS
Data: 31/01/2023 12:18:46-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dr. Thiago Trindade Matias (2ª Examinador)
Universidade Federal de Alagoas-UFAL/Campus do Sertão

Aos meus familiares, que sempre
estavam ao meu lado.

Aos companheiros de curso que
estiveram sempre comigo no decorrer
dos meus estudos.

Agradecimentos

A Deus por dar esta oportunidade e coragem, para concluir este curso de Licenciatura em letras. A todos os meus familiares pelo incentivo. A todos os professores que me ajudaram no exercício da profissão de professor de português.

Todas as crianças conseguem aprender; todas as crianças frequentam classes regulares adequadas à sua idade em escolas locais, [...] recebem programas educativos adequados, [...] recebem um currículo relevante às suas necessidades, [...] participam de atividades co-curriculares e extracurriculares, [e] beneficiam-se da cooperação e da colaboração entre seus lares, sua escola e sua comunidade. PACHECO, (2007, p.14)

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica trata de um dos temas mais discutidos no âmbito educacional: a inclusão escolar de crianças surdas tem como objetivo refletir sobre a relevância de parcerias para o melhor aprendizado dessas através da família, escola e sociedade como coparticipante do processo inclusivo. O estudo foi realizado a partir de uma ampla pesquisa bibliográfica. Para a efetivação deste, recorreu-se a alguns teóricos: Carvalho, (1999), Mantoan (2003), Mader (1997), entre outros. Com base nas leituras e reflexões sobre o tema é possível afirmar que a inclusão efetiva de crianças surdas no âmbito educacional só ocorre nos discursos, pois na prática o que se vê são professores/escolas despreparadas, falta de acesso e desta forma acabam sendo excluídas, tendo seus direitos negados. Tornar a escola um espaço aberto e adequado ao ensino inclusivo de crianças surdas é um desafio, pois muitos obstáculos são encontrados para o atendimento das especificidades das crianças surdas do ensino regular.

Palavras-chave: Família. Inclusão. Crianças surdas.

ABSTRACT

This bibliographic research deals with one of the most discussed topics in the educational field: the school inclusion of deaf children. It aims to reflect on the relevance of partnerships for better learning through the family, school and society as a co-participant in the inclusive process. The study was carried out from wide bibliographical research. For the realization of this, resorted to some theorists: Carvalho, (1999), Mantoan, (2003), Mader (1997), between others. Based on readings and reflections on the subject, it is possible to state that the effective inclusion of deaf children in the educational or social sphere only occurs in speeches, because in practice what is seen are unprepared teachers/schools, lack of access and thus end up being excluded, having their rights denied. Making the school an open and suitable space for inclusive teaching of deaf children is a challenge, as many obstacles are encountered in meeting the specificities of deaf children in regular education.

Keywords: Family. School inclusion. Deaf children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 AS DIFICULDADES DOS SURDOS	13
2.1 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL.....	14
2.2 O DEFICIENTE AUDITIVO.....	15
2.3 A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO	16
3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS	18
3.1 A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NA ESCOLA REGULAR	20
4 HABILIDADES DO PROFESSOR.....	23
4.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA SURDA NA ESCOLA REGULAR	27
4.2 O PROTÓTIPO DA INCLUSÃO.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O processo de inclusão de pessoas com necessidades especiais está associado com características econômicas, sociais e culturais de cada época, pois tais características determinam o olhar voltado para as diferenças. A declaração em Salamanca trouxe importantes modificações no que se refere a inclusão, pois antes o modelo escolar era naturalmente segregado, essa declaração coloca que crianças e jovens com necessidades têm direito a escola regular, sendo que a escola deve se adequar às necessidades do aluno. Dessa forma, antes a educação especial era vista como um sistema paralelo a escola tradicional passou a fazer parte da escola regular, sendo necessário que a gestão da escola e os educadores sejam capacitados para atender as demandas desses alunos, GLAT; FERNANDES, (2005).

A educação de surdos está em evidência no cenário educacional atual, assim como toda a educação especial. As conquistas que vem através dela não vieram por uma política pública unilateral, mas sim através das lutas da comunidade surda e de todos os atores que fazem parte dessa cultura. Tal contexto é para Perlin (2005), imprescindível ao se tratar da história do povo surdo e dos seus agentes de transformação. Um sujeito de lutas, fracassos e conquistas, pode significar diminuir a sua importância na criação e valorização da própria cultura, e mais importantes nessa história.

Discutir e analisar a educação de surdos é trazer à tona questões históricas e contemporâneas que em dado momento se cruzam e se retroalimentam. Em primeiro lugar, organizaremos em um único trabalho o histórico da educação dos surdos e os diversos modelos, bem como a produção brasileira recente sobre a temática. Buscaremos evidenciar como as histórias pessoais estão diretamente ligadas ao percurso histórico da educação de surdos no Brasil. Este trabalho dará visibilidade a uma luta antiga do movimento surdo pelo direito ao reconhecimento de sua língua pelo Estado brasileiro não só pela língua brasileira de sinais, mas sim, levando em conta a cultura surda que está por trás de tal idioma. Indicaremos os principais avanços e desafios no sentido de apontar para as perspectivas de uma educação de fato bilíngue para os surdos.

O presente trabalho tem como intuito discutir a respeito da educação do sujeito surdo nos dias atuais, sendo importante, neste contexto, conhecer melhor o sujeito em sua forma singular de enxergar o mundo e suas especificidades de acordo com os níveis de perda auditiva, veremos também os termos mais adequados ao lhes referir.

Os estudos mais recentes sobre esse assunto têm mostrado que a melhor opção de educação para os surdos é o bilinguismo, por isso faremos uma breve abordagem sobre esse método específico.

Ao escrever sobre educação de surdos na história contemporânea não poderíamos deixar de falar e analisar as diversas leis aprovadas nos últimos anos e como as mesmas têm sido de ajuda nesse contexto e por final mostraremos como os surdos têm se beneficiado com esses avanços se tornando sujeitos independentes e capazes. Dessa forma buscar respostas práticas para o avanço de metodologias na educação de alunos surdos.

2 AS DIFICULDADES DOS SURDOS

O referido enfoque se deve ao fato do crescimento exponencial da educação bilíngue no país, condição esta que atrai atenção das pesquisas acadêmicas, haja vista a necessidade de aperfeiçoamento desta oferta, seja pela necessidade das escolas em realizar a inclusão de alunos surdos ou pelo cumprimento de leis e regulamentações. Conforme exposto em: Brasil (2015) nos últimos anos, o país vem paulatinamente vivenciando e presenciando um elevado crescimento na oferta da educação bilíngue, abordando Libras e língua portuguesa para estudantes surdos.

O crescimento da educação bilíngue está intimamente relacionado ao reconhecimento da língua brasileira de sinais (LIBRAS) pela Lei Nº 10.436, sendo algo extremamente recente, tendo ocorrido no ano de 2002, no dia 24 de abril.

Dentre as mudanças decorrentes ao reconhecimento, decorrente da lei federal supracitada, destaca-se a aceitação do ensino de LIBRAS como sistema linguístico vigente no Brasil, assegurando essa língua como forma de comunicação entre os surdos do Brasil, como pode ser visto nos artigos da lei. BRASIL, (2002):

Parágrafo único. Entende-se como língua brasileira de sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (...) Art. 2º deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da língua brasileira de sinais – Libras, como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil. Art. 3º, as instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva de acordo com as normas legais em vigor.

2.1 A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL

A partir desta nova concepção paradigmática a educação bilíngue passou a ser ofertada em complementaridade as diretrizes educacionais para a educação básica e em conformidade com a base nacional comum. Conforme Brasil (2005) a educação bilíngue deve ser ofertada em conformidade com as concepções dialógicas, instrumental e funcional. A fim de propiciar que os estudantes vivenciem uma educação ampla, completa e que os incluam.

A fim de cumprir tais objetivos de formar os estudantes, faz-se necessário que os professores e tradutores/intérpretes de Libras tenham acesso aos diferentes recursos (como materiais didáticos, livros de histórias, entre outros) que possibilitem e facilitem a aprendizagem dos estudantes surdos, sendo que um dos principais recursos são os materiais didáticos em suas diferentes funcionalidades, aspectos e definições.

O material didático bilíngue para a criança ou estudante surdo é de suma importância para que se concretize uma educação efetivamente bilíngue, que respeite as diversidades que circundam aos estudantes surdos e que permita o processo de ensino-aprendizagem desses indivíduos.

Logo, é essencial que os materiais didáticos para educação bilíngue sejam elaborados em acordo com as realidades dos estudantes surdos, sendo estes materiais contextualizados e em acordo com as problemáticas, limites e possibilidades que circundam estes estudantes.

À medida que os materiais didáticos são elaborados alicerçados em pressupostos fundamentais de qualidade, respeitando as diversidades, os estudantes, os docentes, os tradutores/intérpretes de Libras, as escolas, os conteúdos e as realidades, permite que as aprendizagens sejam mais significativas e possibilitem aos educandos de fato, se apropriarem dos conteúdos necessários para o entendimento do mundo e para a formação humana.

2.2 O DEFICIENTE AUDITIVO

Compreende-se que as referências multimídias são cruciais para os materiais didáticos e bons resultados na aprendizagem bilíngue, pois este permite a utilização no cotidiano educacional de métodos que valorizam a interdisciplinaridade, aprendizagens diferenciadas, vivências mais profundas dos conhecimentos e saberes necessários para o nível de formação o que resulta em ampliação e aprofundamento das aprendizagens para os estudantes bilíngues. Esse tipo de material é indispensável para o aluno surdo, já que o indivíduo surdo é um sujeito visual, ou seja, ele tem uma leitura de mundo completamente visual. Para isso é necessário que a aprendizagem bilíngue aborde não somente métodos pedagógicos interdisciplinares, mas também abordagens visuais, para que o aluno surdo consiga compreender por completo os assuntos que estão sendo abordados nos materiais que são disponibilizados para seu processo de ensino-aprendizagem.

A proposta bilíngue da educação de surdos, de acordo com Kozlowski (2000, pág. 84), se reconhece e tem base no fato de que o surdo vive numa condição cultural bilíngue e bicultural, ou seja, convive em seu dia-a-dia e já nasce em um contexto com duas línguas e duas culturas. Essas duas línguas e duas culturas são:

A língua visual sinalizada da cultura da comunidade surda e a língua escrita da cultura da comunidade ouvinte, a língua oralizada.

Pensando então na abordagem pedagógica e de ensino, o bilinguismo tem base na constatação do fato de que os estudantes (ou as crianças) não ouvintes são interlocutoras nativas de uma língua ajustada à sua habilidade de se expressar, ou seja, elas se adaptam ao que lhes é oferecido no ambiente em que são nascidas e em que vivem, utilizando gestos, mímicas, entre outros meios.

2.3 A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO

De acordo com Coelho (2005), demonstra dois tipos de ensino bilíngue e bicultural, o ensino bilíngue *transitoire* e o ensino bilíngue *guidé*. O ensino bilíngue *transitoire* é desempenhado com o propósito de educar os alunos pela língua dominante, ou seja, pela língua falada. Já o ensino bilíngue *guidé* educa pelos conhecimentos da língua minoritária, desenvolvendo a identidade cultural dos alunos e ajudando a afirmar os seus valores culturais, utilizando a língua majoritária. Para os surdos, a aproximação deve ser ao modelo *guidé*, considerando que é fundamental fortalecer os alicerces da língua gestual, e também sua vivência de identidade surda que, na maioria dos casos, são vindos de famílias que ouvem, ou seja, de famílias ouvintes.

É importante que uma criança se reconheça em sua comunidade surda e se reconheça como surda, e para isso, crie uma identidade surda. De acordo com Perlin (2006), existem algumas identidades na comunidade surda, e elas podem ser definidas como:

Identidade flutuante: identidade na qual o surdo se espelha na representação do ouvinte, vivendo e se manifestando de acordo com a representação de mundo conforme os ouvintes;

Identidade inconformada: identidade na qual o surdo não consegue observar e sentir a representação da identidade ouvinte e se sente numa identidade menor;

Identidade de transição: onde o contato dos surdos com a comunidade surda é tardio, o que faz passar da comunicação visual-oral para a comunicação visual sinalizada, e nessa identidade o surdo acaba passando por um conflito cultural;

Identidade híbrida: essa identidade é mais reconhecida nos surdos que nasceram ouvintes e por algum motivo perderam a capacidade de ouvir tendo agora presente as duas línguas numa dependência dos sinais e do pensamento na língua escrita e oral;

Identidade surda: é a identidade onde ser surdo é estar no mundo visual e desenvolver sua experiência em Libras. Os surdos que assumem a identidade surda são representados por discursos que os veem capazes como

sujeitos culturais, uma formação de identidade que só ocorre entre espaços culturais surdos.

Assim, a identidade surda é um importantíssimo passo a ser desenvolvido desde a escola para que a criança se sinta dentro de uma comunidade, ou seja, incluída em uma sociedade, e não excluída por causa de sua condição.

No Brasil, ainda se caminha a passos curtos e lentos para a inclusão de um ensino bilíngue de qualidade para os surdos, principalmente, quando se fala em instituições de ensino público. Pensando na visibilidade da pessoa surda e também na visibilidade da língua gestual, pode-se pensar somente na recente regulamentação da LIBRAS, feita em 2002. Antes disso, a LIBRAS não era reconhecida como uma língua no país. Pois havia muita discriminação por parte da sociedade em geral, até mesmo pelos familiares havia discriminação e os deficientes eram segregados em escolas especiais isoladas ou ficavam em casa mesmo isolados e ignorados pelos familiares, pois ninguém viam potenciais nessas pessoas com deficiências, por isso eram totalmente ignorados com o surgimento das novas leis.

Houve muitas modificações no que se refere a inclusão e com isso aconteceram mudanças positivas e surgiram a oportunidades de os deficientes poderem frequentar as escolas regulares, pois esse direito já estava sendo declarado, por isso surgiram demandas de vagas nas escolas comuns e regulares. Portanto as coisas começaram a mudar para a comunidade surda, melhorando muito para o processo de inclusão das pessoas com deficiências nas escolas.

3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE SURDOS

Falar do processo de inclusão de deficiente surdo no país é algo complexo, pois há poucos dados disponíveis sobre esse processo, isso é possível comprovar até nos dados estatísticos, já que há uma série de dificuldades nas pesquisas realizadas pelo IBGE o que dificulta a precisão das informações MONTEIRO, (2006).

Segundo dados do IBGE, em 2010, havia cerca de 2,1 milhões de surdos ou pessoas que escutavam pouco. Mesmo com o intenso processo de inclusão das pessoas com esse tipo de necessidade especial, ainda há muitos surdos invisíveis no país, ou vivendo de forma isoladas segundo Monteiro (2006), em lugares comuns, em associações de surdos, em escolas, em clínicas e em igrejas.

Historicamente surdos e mudos sempre estiveram à margem da sociedade, algumas décadas atrás pessoas com esse tipo de deficiência não conseguiam se comunicar nem com a própria família, também era comum os familiares “esconderem” seus filhos da sociedade, por medo de preconceito. Diante da dificuldade de comunicação, era comum tais pessoas sentirem-se nervosas, irritadas. Era uma época em que surdos e mudos não entendiam a necessidade da comunicação através de sinais, afinal havia pouca informação sobre o tema MONTEIRO, (2006).

Nesse sentido, Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, trouxe importantes mudanças para essa população, pois a Libras ou linguagem dos sinais passou a ser entendida como uma forma de comunicação, nesse sentido as crianças surdas, passaram a ter o direito de estudarem junto com as crianças da sua idade, o que possibilita um processo de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo CASSIANO, (2017) explica:

O uso da língua de sinais está sendo reconhecido como caminho necessário para uma efetiva mudança nas condições oferecidas pela escola no atendimento escolar dos alunos portadores de deficiência auditiva, não podendo ser ignorado pela escola no processo ensino e aprendizagem do educando, se constituindo em um alicerce para sua comunicação. Baseando-se no princípio “igualdade de oportunidades” e “educação para todos”, é que se questiona a escolarização aos alunos considerados portadores de necessidades especiais, e um compromisso assumido pelo Brasil no combate à exclusão de toda e qualquer pessoa no sistema educacional de ensino CASSIANO, (2017, p. 25).

O decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 também teve uma grande importância para o processo de mudança com relação à inclusão da população surda na educação e na sociedade:

Art. 3º a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério em nível médio e superior, e nos cursos de fonoaudiologia, de instituições de ensino públicas e privadas do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º a Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto. (decreto Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005).

3.1 A INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS NA ESCOLA REGULAR

É possível afirmar que esta lei contribuiu muito no processo de inclusão dos surdos, visto que a Libras passou a ser obrigatório nos cursos de licenciatura, isso será de grande ajuda aos futuros professores, que terão melhores conhecimentos no que diz respeito à aquisição dessa língua e dessa forma poderão contribuir para que os surdos tenham uma melhor educação escolar, favorecendo a sua inclusão no ambiente escolar.

Para o desenvolvimento pleno de todo cidadão, é muito importante este sujeito ter acesso a toda diversidade de cultura e informação. O mesmo precisa interagir com a sociedade em geral, e o decreto número 5.526 de 22 de dezembro de 2005, pode ajudar muito nesse sentido.

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. língua para alunos surdos. Decreto número 5.526 de 22 de dezembro de (2005).

Apesar da importância das Leis, o processo de inclusão ainda está caminhando lentamente, a grande dificuldade é o número pequeno de ouvintes que se comuniquem com Libras. Isso faz com que a rotina do surdo seja complicada, já que até no cinema, por exemplo ele não se inclui, já que os filmes brasileiros por exemplo, não são legendados. No SUS, por exemplo, havia uma grande dificuldade nos atendimentos, já que a maior parte dos profissionais não se comunica por Libras, diante desse problema, um hospital no Rio de Janeiro, lançou um projeto piloto com central de atendimentos com a presença de intérprete WESTIN, (2019).

Essas dificuldades fazem parte da vida do deficiente, e podem inclusive levar as consequências graves, como casos em que o médico não conseguiu se comunicar direito com o paciente surdo, e pode até receitar medicamentos errados WESTIN, (2019).

A inclusão nas escolas é um assunto amplamente comentado, antes havia somente escolas para pessoas com necessidades especiais, o que

gerava ainda mais exclusão, e também foi possível comprovar que a criança deficiente tem grandes ganhos no desenvolvimento ao frequentar escola regular, tais mudanças fazem parte da política da educação inclusiva, entretanto, várias questões surgem com a inclusão dessas crianças. ESPOTE, (2013):

Com a política nacional de educação especial, tem ocorrido a implantação de uma proposta de apoio ao público-alvo da educação especial (PAAEE). Em uma pesquisa sobre a AEE, foi possível constatar que os professores se mostraram em dúvida ou conflituosos sobre como definir o público específico para utilizar a sala de recursos multifuncionais, sendo que o principal motivo foi o fato da escola ou educar não poder definir se o aluno tem ou não alguma deficiência intelectual. OLIVEIRA et al., (2018)

Mello, Hostins (2018) ainda colocam a diferença entre as salas de ensino comum e as salas de atendimento educacional especializado (AEE).

A relação que se estabelece entre salas do ensino comum e salas de atendimento educacional especializado (AEE) ainda é de dualidade. Os espaços, os tempos e a avaliação postos em nossas escolas comuns são, a princípio, organizados e estruturados para a escolarização coletiva, assim como organizados para alunos "uniformes". Ao se deparar com um aluno com deficiência, portanto com necessidades fora das suas "práticas padrão" a escola enquadra essas necessidades ao já estabelecido em sua cultura escolar e encaminha-o ao AEE como forma de resolução do problema e assim justifica a impossibilidade de mudar-se e adaptar-se às necessidades, ou seja, ratifica seus espaços e tempos instituídos com o encaminhamento à educação especial que tem em sua gênese outras formas de organização, funcionamento e atuação.

Dessa forma, inserir um aluno com deficiência dentro do ensino comum, levanta inúmeras questões, como a falta de estrutura da escola, da própria sala de aula e os métodos de avaliação que são padronizados para todas as crianças. MELLO, HOSTINS, (2018).

Pensar em educação especial, passa por entender as limitações e dificuldades de aprendizagem dos alunos em diversas etapas da aprendizagem, sendo que a educação especial engloba o ensino para crianças

e jovens com deficiência, transtorno globais de desenvolvimentos altas habilidades ou superdotação.

A ideia de escola inclusiva, passa por um olhar para a diversidade humana, e tira o foco das dificuldades e foca nas estratégias de educação para conseguir que a aprendizagem ocorra para todos respeitando as diferenças e particularidades. MELLO, HOSTINS, (2018)

No caso de alunos com deficiência, é necessário um olhar atento para as diferenças entre os alunos e os processos de avaliação da aprendizagem. É preciso adotar sistemas de avaliação diferentes entre os alunos, respeitar a individualidade e limitação de cada um. Atualmente, muitas escolas trabalham com a inclusão, em uma sala de aula pode haver alunos com deficiências e dificuldades diversa, sendo importante que a escola e o educador tenham um olhar para as limitações e particularidades de cada aluno. OLIVEIRA et al., (2011).

Mello e Hostins (2018) colocam que no que se refere ao aluno com deficiência, ainda há uma desarmonia entre o que coloca a Lei e o que é visto nas escolas normais, de forma que é necessário um longo processo de transformação para que essas escolas entendam e prestem uma assistência adequada para as crianças com necessidades especiais.

De acordo com Espote (2013), ao longo dos anos, várias questões relacionadas à surdez foram tendo sua compreensão alterada como por exemplo, a ideia de que a deficiência auditiva não pode ser entendida de forma individual, pois existe um vasto conhecimento a respeito da relação entre surdez e debilidade de fala, porém não somente a fala é afetada, a surdez afeta também os processos de leitura e escrita.

Isso implica em um atraso no desenvolvimento intelectual em crianças surdas, caso não haja um acompanhamento ou processo educativo adequado. Uma criança ouvinte, quando aprende a escrever, já possui um arsenal de palavras que ela sabe falar e as quais ela já conhece o significado; uma criança surda, por outro lado, não possuem este arsenal, e isso traz a necessidade de que as instituições escolares e educadores tenham um maior preparo para lidar com estes alunos, sendo essencial haver outras estratégias de ensino. ESPOTE, (2013).

4 HABILIDADES DO PROFESSOR

O processo de alfabetização desse aluno tem muita objetividade, considerando que os métodos variam em conformidade com cada necessidade do discente. O método de alfabetização em Libras é o ato de memorizar. A alfabetização acaba ocorrendo por meio da memorização que acontece porque o docente expõe a figura e mostra o seu respectivo sinal, dessa maneira o aluno aprende porque memoriza todos os sinais. As frases são em tempos verbais, assim uma frase como a “Eu gosto de ir ao supermercado” ficaria “Eu gosto ir supermercado”, os sinais pertencem as categorias de léxico ou a classes das palavras, no que se refere aos adjetivos, advérbios, nome e verbos.

Para Ribeiro (2013) o processo de alfabetização em libras é similar com o dos alunos ouvintes, visto que utiliza a memorização, e o letramento ocorre por meio de experiências e da consciência da divergência entre significações do conteúdo que estão aprendendo ou compreendendo. Quanto a aprendizagem da escrita, ocorre lentamente onde o docente deve mostrar figuras para depois expor os sinais. A maioria dos alunos surdos têm dificuldade para aprender, mas isso não quer dizer que são incapazes de adquirir a aprendizagem. Os pais devem apoiá-los desde criança no processo de alfabetização.

Veloso (2012) explica que até os cinco anos de idade, trata-se de um período crítico para alfabetização, onde ela conta com recurso simbólico para adquirida linguagem e é pelo gesto que ela apontar um movimento para expressar o que antecede a palavra oral. Embora não haja apropriação da linguagem oral, a criança já realiza a comunicação por meio de gestos e sinais. Nessa fase de aquisição da linguagem a criança usa diversas hipóteses, experimentando muitas possibilidades de estruturação pensamento e do aspecto gramatical no que se refere as regras para se comunicar. Nessa fase, deve haver contato com a LIBRAS, a fim de conhecer os parâmetros e de ter compreensão da gramática. É um equívoco pensar que os surdos só entendem o concreto, visto que também usam gírias, simbolismos e diversos significados para uma única palavra, havendo assim além de alfabetização, um letramento

onde o aluno usa a língua em sua prática social ao invés de apenas decodificar processos da leitura e escrita.

Conforme Basso; Strobel; Masutti (2009), o ensino de LIBRAS ocorre nas seguintes etapas: leitura dos sinais e produção de textos com sinais e que são escritos em sinais e na aquisição de gramática que também pode ser considerada como uma análise linguística. Os gêneros textuais são úteis para alfabetizar os alunos surdos em sua primeira língua que no caso é LIBRAS, pois há possibilidade de se situarem em suas vidas reais, por meio de enunciados que se relacionam com o contexto da população surda e da sociedade onde ela se insere. A leitura não se restringe ao ato de decodificar os símbolos gráficos, pois devem ser consideradas todas as formas de ler, de todas as linguagens que o homem produz ao se relacionar com os outros. Nesse sentido, a codificação ou decodificação apenas é valiosa quando há articulação do significado no discurso entre interlocutores. Por esse motivo, ao ensinar LIBRAS deve utilizar todos os gêneros discursivos realizados nas relações entre surdos e em qualquer situação dialógica. A escrita e língua sinalizada produz sentidos por meio das produções textuais estabelecendo as relações e elaborando conceitos relacionados ao conhecimento de mundo que o discente tem. Já na etapa da análise linguística há utilização das regras ou convenções do idioma, se tratando da gramática, mas não se trata de um direcionamento para ensinar os aspectos de gramática, conforme ocorre em práticas pedagógicas tradicionais, onde o que importa é dominar o código, mas sim focar as dificuldades que os alunos encontram ao produzir um texto tanto oral como sinalizado e escrito.

Em relação ao papel dos professores na educação especial, Oliveira (2012) afirma que o docente de apoio age de um modo integrado com o professor que rege a sala de aula, onde ele planeja as aulas e elabora as atividades; o intérprete de libras deve dominar libras, ter conhecimento sobre as necessidades especiais dos surdos e saber interpretar o conteúdo que o professor expõe; o docente instrutor surdo se trata de uma pessoa surda com que domina libras; professor instrutor de braile que domina braile; professor de recursos que subsidia e orienta as atividades dos professores que trabalham com o apoio especial e há também atuação de psicólogo especializado em

educação profissional que atua com fonoaudiologia de educação e o assistente social.

Oliveira (2012) a função do intérprete esta consistida em Libras que equivale em um discurso que recebe a pronuncia da língua portuguesa falada, ou pode ocorrer ao contrário. Esses profissionais começaram atuar voluntariamente no Brasil, onde os intérpretes de libras usaram esse ensino em trabalhos de religião em torno dos anos 80. Sendo assim, grande parte dos intérpretes de libras conheceram a língua em estabelecimentos religiosos, naquele tempo não havia capacitação voltada para esse tipo de formação. O reconhecimento de libras começou no ano de 2002 através da Lei nº 12.319 implementada em 2010. Corroborando com Leite (2006), o autor explica que a formação de professores de libras permitia que eles atuassem no final do ensino fundamental, ensino médio e em universidades.

Quanto ao desenvolvimento da alfabetização, Quadros (2000) menciona que a escrita de sinais é composta por unidades mínimas que fornecem sentido para a língua constituindo estruturas textuais. A criança surda ao desenvolver a alfabetização tem relações cognitivas determinadas pela língua de sinais para organizar seu ato de pensar, depois há um registro das relações de significado que conecta com o universo. Com o sistema de escrita relacionado com a língua que está sendo usada, a criança faz hipóteses e passa ser alfabetizada. Pode ser considerado que ela possui experiência com a escrita, caso leia a referida escrita. Outra habilidade linguística pertencente a fase de alfabetização seria leitura, em que os sinais lidos são importantes para obter mais informações sobre a escrita que podem ser adquiridas pelo site: www.signwriting.com.

Em relação a escrita, Leite (2016) afirma que ocorre pela visualização dos visos grafemas que são letras com os dois sistemas e é possível reduzir o tamanho. No *Signal Writing* há mais de 600 caracteres existentes nas configurações manuais e orientação de palma e o visograma que se refere ao alfabeto compõe se de 95 viso grafemas.

Quadros (2000) acredita que cabe ao professor aproveitar a capacidade das crianças em contar sobre suas experiências, pois o aluno se torna consciente da língua, visto que necessitam de ter base para reconhecer a leitura e escrita de modo que *faça* sentido. São pela expressão e gestos que

realmente ocorre o conhecimento de gramática que fornece apoio para o desenvolvimento da escrita. Por meio do registro das ideias, o conto, histórias e o ato de refletir pelos textos escritos, as crianças refletem sobre o que descobriram do mundo e do idioma. O professor no ato de fazer uma exploração dessas descobertas para promover interação e de modo cultural entre as pessoas que se envolvem com o discente. Uma videoteca é essencial é um recurso para refletir sobre a língua viva que pode ser utilizado sempre no aprendizado de alfabetização para haver um ensino de forma lúdica e didática.

Quadros (2000) menciona o fato que aprendizagem sobre a língua decorre naturalmente do processo de alfabetização. Os estudantes refletem sobre o idioma, considerando que textos expressam de uma forma inferior ou superior uma mesma informação. A leitura e a escrita estão envolvidas com as experiências de vida dos alunos. O conhecimento de gramática e comunicação se torna essencial para desenvolver esses processos. O modo de interação auxilia na obtenção do código escrito em modalidade de texto. Quando o indivíduo reconhece as interações de comunicação de modo real, ele está apto para realizar a transposição desse saber para a escrita.

De acordo com Abreu (2010), os surdos adquirem comunicação com uma linguagem espaço-visual que se trata de Libras, a língua brasileira de sinais, sendo uma maneira de conhecer o universo. A cultura do surdo é um fator que o surdo pode se afirmar que como eles vivem isoladamente ou em lugares com comunidade surda inexistente, eles têm uma comunicação gestual. Aos surdos que por influência da família ou própria escolha utilizam a língua oral. A língua identifica o sujeito, e o mesmo ocorre com os surdos. Muitos surdos, apesar de adquirem a língua de sinais após a fase adulta. Porém mesmo assim se trata de uma língua materna, porque a mesma é adquirida naturalmente, havendo contato entre as pessoas que falam essa língua. Para os surdos essa comunicação ocorre mais facilmente do que o modo de comunicar oral.

4.1 O PAPEL DA FAMÍLIA NA INCLUSÃO DA CRIANÇA SURDA NA ESCOLA REGULAR

A família e a escola são corresponsáveis por influenciar a formação da sociedade. São instituições que compartilham atributos sociais, políticos e educacionais na vida das crianças. Nesses espaços, as crianças são influenciadas positiva ou negativamente em seu processo de evolução pessoal e desenvolvimento físico, intelectual e emocional. FALEIRO, (2017).

O envolvimento da família no processo de aprendizagem da criança surda ajuda ao desenvolvimento educacional de sujeitos surdos. Por outro lado, quando um dos pais ou responsável negligência a educação infantil, ocorre atrasos de linguagem em crianças surdas, principalmente quando ela não entra em contato com a Libras há muito tempo. A maioria das crianças surdas de pais ouvintes não tem base estrutural experiente com o mundo, enquanto suas primeiras interações sociais acontecem na família. FALEIRO, (2017).

De fato, as interações existentes entre os ambientes sociais dos cidadãos, afetam diretamente o seu aprendizado. Nessa perspectiva, a escola e a família assumem um papel excelente no desempenho e no aprendizado do aluno. Desta forma, a relação pais-escola e a comunicação que ocorre entre eles é formadora das ideias de ambas as partes e requer mudança qualitativa na vida e na aprendizagem dos alunos. Vale a pena notar que a comunicação é parte integrante do intenso desafio quando se trata de um número maior de surdos em uma sala, porque havia outro fator que dificultava, a barreira do idioma.

Como a linguagem é adquirida por meio da interação social, por falta de apoio familiar, o desempenho do desenvolvimento da linguagem das crianças surdas não é satisfatório. Como resultado, as crianças surdas apresentam déficits na interação social e cultural, o que isso pode prejudicar seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional, e, portanto, seu desempenho acadêmico pode sofrer. VIANA, TOMASI, (2020). As relações casa-escola contribuem para o desenvolvimento da criança na escola de inclusão de surdo. Essa parceria beneficia o relacionamento e a interação da criança com a

instituição e a ajuda lidar com questões emocionais para tornar a participação indiscutível dos pais com os seus filhos surdos ou ouvintes. Do ponto de vista educacional, a sinergia é de igual importância. FALEIRO; FARIAS; SILVA (2017). É importante que a criança e sua família sejam expostas à língua de sinais tanto quanto possível, o mais breve possível.

Enquanto a família abraça a surdez, ela olha para Libras como uma forma, comunique-se e comece a usá-la. Crianças surdas desenvolvem a linguagem mais rápido, o que vai ao encontro de Viana e Tomasi (2020), que defendem que para o desenvolvimento social e cognitivo da criança surda, sua identidade deve ser respeitada. A família toda aprende Libras com o surdo. Mas o correto é que procure uma escola bilíngue para surdos. Lima; López, (2018). Portanto os membros da família desempenham um papel extremamente importante na construção de uma família. A língua de sinais nos primeiros anos de vida das crianças surdas é de fundamental importância para que obtenham o suporte que precisam para se desenvolverem e os resultados serão aquém do ideal, fazendo dessa forma isso não afetará o desenvolvimento da linguagem e, portanto suas interações com os outros, não produzirá frustrações e nem comportamento agressivo. ROLDO; AGUIAR, (2016).

As crianças surdas mais bem-sucedidas são aquelas cujos pais estão envolvidos desde cedo na sua educação, matrícula, exposição das crianças às escolas de Libras e ter assistência linguística, além de outras coisas muito importantes para bebês nascidos surdos. Pais ouvintes se envolvem com adultos usando a linguagem de sinais, essa linguagem deve se integrar na vida da criança nos três primeiros anos de vida para que a criança adquira interação ao ambiente. ROLDO; AGUIAR, (2016). Por outro lado, crianças surdas entrando posteriores na escola, tendo dificuldade para aprender Libras e Português, indica baixa inferência. Faria, Cavalcante, (2011). A escola é um ambiente onde as crianças são introduzidas e socializadas. Como um espaço mais amplo, a escola é o reflexo de toda mudança social e sua função social é ajudar os alunos a experimentar um mundo globalizado através do conhecimento organizado ou formal e atividade sistemática. O espaço oferece oportunidades para que as crianças vivenciem novas experiências e desenvolvam habilidades cognitivas, morais e sociais. Famílias e escolas

influenciam as interações sociais das crianças de diferentes maneiras e meios de diferentes recursos que podem interferir nos relacionamentos uns dos outros. As famílias podem interferir, impactar negativamente o desenvolvimento escolar da criança e criar desengajamento nas interações escolares. É importante que as famílias e as escolas se apoiem mutuamente para ajudar as crianças surdas a superar desafios únicos na vida porque quando os parceiros fortalecem a conexão emocional, o efeito é ser percebido nas relações sociais das crianças, o que ajuda no suporte e desenvolvimento dos alunos surdos.

Segundo Hollerweger e Catarina (2014), a integração de casa e escola e o trabalho em rede e o apoio ao desenvolvimento de pessoas com deficiência é fundamental, porque o trabalho da escola terá mais sucesso se os familiares acompanharem diretamente o processo. Sendo assim, os alunos surdos se sentem mais seguros e tranquilos para desenvolver suas habilidades. O lar e a escola devem construir pontes de comunicação para ajudá-los a superar desafios que podem surgir durante o processo de aprendizagem. Embora, ainda existem barreiras e conflitos que impedem a interação e causam falhas na comunicação. As crianças ouvintes chegam à escola já falando sua língua nativa, o português.

Esse fato ajuda a aprender português com mais facilidade, fluência e segurança, e de várias maneiras situações cotidianas, que incluem todo e qualquer tipo de fala, seja oral ou escrita, e organize seus pensamentos e construa argumentos lógicos. Por outro lado, surdos filhos de pais ouvintes chegam à escola sem nenhum idioma. Faria, (2011). Por causa de sua incapacidade de usar a linguagem falada usada pela família, as crianças muitas vezes são proibidas de conversas e atividades prazerosas, como contar histórias ou outras atividades que envolvam linguagem. A assimilação do conhecimento prejudicial e da experiência do mundo e da linguagem pode ser usada para o futuro ouvindo as crianças antes da escola. Pereira, (2011).

O reconhecimento da língua de sinais Libras, para o desenvolvimento de surdos com aspectos cognitivos, sociais, emocionais, afetivos e linguísticos, juntamente com as reivindicações ao direito da comunidade surda ao uso de línguas de sinais como a primeira língua a Libras, seu idioma de instrução, levando muitas instituições a adotar um modelo bilíngue de educação para surdos. A maioria das crianças vai para a escola sem nenhum idioma e como

suas interações ocorrem principalmente com um público, pessoas que eles não conhecem, o sistema de comunicação das pessoas surdas, que dificultam suas interações e desenvolvimento da forma de educar.

Portanto, uma das principais preocupações das escolas para surdos é criar ambientes onde as crianças podem adquirir a linguagem de sinais por meio da criança surda e começar sua vida com habilidades de linguagem de sinais, enquanto filhos de pais surdos, ou seus primeiros pais que os expuseram à língua de sinais ou contato Junto com outros surdos adquiriram o conhecimento de Libras como L1 e desenvolveram o raciocínio lógico que permite que eles desenvolvam suas funções cognitivas.

As pessoas surdas aprendem sua língua, assim como as pessoas ouvintes, por meio da interação social.

Pesquisas mostram que as interações dos surdos com adultos ou sujeitos adultos surdos ou ouvintes fluentes na linguagem de sinais em Libras por meio da língua de qual é um dos desafios que os alunos surdos enfrentam porque a maioria deles interagem com os membros surdos da família, mas não usam a linguagem de sinais para se comunicar. Estudos mostram que pais ouvintes reduziram as interações com crianças surdas, além de as famílias rejeitarem a língua de sinais como forma de comunicação.

A interação entre casa e escola. FAREIRO; FARIAS; Silva, (2017) a Inclusão da língua de sinais é essencial para a integração escolar dos alunos. Oportunidade de aprender Libras desde a educação Infantil é direito do surdo de forma natural e ao longo das demais etapas da educação básica. Brasil, (2010), p. 15. Por sua vez, as instituições escolares devem apoiar o acesso à Libras por meio de Interação social e cultural com surdos e comunidades.

Assim para o desenvolvimento da criança surda em seu tempo de desenvolvimento de linguagem esperado, como audição de crianças e linguagem. O português é ensinado como segunda língua (L2) e, portanto, incorporar a Libras em seu currículo, não fazem parte dos serviços de educação profissional, mas garantem o acesso e o estudo das duas línguas envolvidas que é requisito para a educação de surdos, é benéfico para eles construir sua própria linguagem e identidade cultural em Libras como a primeira língua.

4.2 O PROTÓTIPO DA INCLUSÃO

Uma escola é inclusiva quando oferece uma educação de qualidade para todos, sejam eles portadores de necessidades especiais ou não. Desta forma, não há diferença entre as pessoas, não há escolha ou diferença entre pessoas normais e deficientes, não ao julgamento de perfeição e imperfeição respeitar as diferenças e diversidades de cada indivíduo. Assim, oferece a todos a oportunidade de conhecer, aprender e viver em um ambiente sem distrações, preconceitos, ao contrário teremos que estimular o potencial de cada indivíduo e formar uma consciência crítica em uma escola inclusiva que respeita as diferenças sem anulá-las, benefícios para todos. As escolas inclusivas visam atender todos os alunos igualmente, acessibilidade para todos, a começar pelo seu espaço físico adaptado aos alunos, acomodando assim os alunos com necessidades especiais segundo WESTIN, (2019).

Desta forma, o mais importante não se limita ao espaço físico, mas, ele também lida com métodos apropriados de reabilitação do corpo docente nas escolas. assim, cabe aos professores encontrar novos métodos de ensino que beneficiem a aprendizagem de todos os alunos. Também é importante contar com o apoio de toda a equipe escolar, desde diretor adjunto de assuntos gerais, juntamente com a família e a comunidade local, porque para que a inclusão aconteça de fato, todos precisam aprender a lidar com as diferenças e as diversidades, aceite e construa um novo relacionamento baseado no respeito pela outra pessoa, sem julgamento, gerar valores de pena, nojo e etc.

Também é preciso dar condições durante o processo de inclusão, desenvolvimento para todos, criando um ambiente onde todos tenham oportunidades de participar plenamente, e por causa de suas diferentes habilidades, conhecimentos e atitude, quando as escolas criam as condições para que todos sejam especiais em sua educação, respeitando a diversidade e singularidade de cada indivíduo, independente de cor, raça, gênero, religião, deficiência ou não, todos se sentem Inclusos em quaisquer que sejam suas diferenças. A inclusão ocorre quando professores e alunos aprendem a respeitar as diferenças, diversidade, contribuindo assim para uma sociedade mais justa e igualitária.

A organização do ensino sem levar em conta a origem, raça, sexo, cor, idade ou a deficiência, e os direitos garantidos na principal lei do país - nossa constituição - que garante educação para todos, oportunidades iguais para todos plenamente desenvolvido como ser humano e pronto para a cidadania. Brasil, (1988).

A inclusão escolar é integral nas instituições de ensino, desde a eliminação de barreiras arquitetônicas e as práticas e métodos de ensino que acomodam as diferenças médias dos alunos, por meio de recursos e equipamentos que facilitam o atendimento para todos sem diferenças. A inclusão plena é baseada no respeito às diferenças que fazem uma cultura rica que incentiva e difunde a tolerância e o respeito. Lima, López, (2018).

O ensino primário obrigatório deve ser garantido incondicionalmente, segundo a LDB/1996 em seu art. 24. O ensino deve ser organizado assim observados os princípios constitucionais da igualdade e do direito à escola e à frequência permanente, e acesso ao ensino superior de acordo com as habilidades de cada indivíduo (Brasil, 1996). Nas escolas inclusivas, as diferenças ou deficiências dos alunos não são enfatizadas, encontrar formas de tornar os cursos acessíveis a todos, garantindo assim o acesso à educação de qualidade que se baseia no respeito à diversidade e ajuda a transformar as desigualdades e desvantagens dos alunos como ponto de partida da educação.

Em uma escola inclusiva, as fraquezas ou deficiências da escola não devem ser enfatizadas no ensino. As escolas devem encontrar maneiras de tornar o currículo acessível a todos, de modo garantir o direito à educação de qualidade sem distinção, respeito à diversidade, as desigualdades e desvantagens dos alunos. Como ponto de partida para a educação com base no respeito às características de cada aluno, perceba que as diferenças são causadas por um conjunto complexo de fatores, incluindo características pessoais e antecedentes socioculturais, bem como interações interpessoais, oferecer oportunidades iguais a todos os alunos, buscar compensação das desigualdades sociais e culturais WESTIN, (2019).

Em conclusão, na educação inclusiva, todos os alunos devem aprender juntos, independentemente de suas condições pessoais, sociais, culturais ou habilidades e potenciais diferenciados para cobrir todos os tipos de deficiências. Uma escola precisa ser inclusiva, não deve haver nenhum tipo de

discriminação. Promovendo resultados verdadeiramente inclusivos que remova as barreiras do aprendizado e à participação de todos que precisam e de todos que maximizarem o uso de recursos que apoiem a inclusão FUMEGALLI, (2012).

Quando os novos alunos foram questionados se conheciam a Libras, a resposta foi não, indicando que eles não falavam a língua de sinais. O fato de os recém alunos não conhecerem a Libras, sugere que é outra forma de comunicação desenvolvida na família, que fica clara em sua resposta como se comunicar com surdos em casa por meio de leitura labial e gestos manuais isso confirma o estudo de Viana e Tomasi (2020), que mostrou que quando as famílias surdas não dominam Libras, começam a criar símbolos, gestos, expressões faciais e corporais feitas por elas para se comunicarem com as crianças surdas, segundo também os estudos de Cappellini e Santos (2020), que afirmam que as famílias das pessoas surdas que utilizam a linguagem falada, gesto e a imitação como recursos para sua criação para não parar de se comunicar com seus filhos surdos, para que eles não fiquem de fora do contexto da comunicação.

Além disso, cabe ressaltar que os familiares não conhecem Libras, a comunicação é feita pela leitura de lábios e gestos familiares. Segundo Pereira (2011), de fato, crianças surdas (filhos de pais ouvintes) não podem usar a linguagem falada, elas conversam em formas privadas e atividades agradáveis, como, contar histórias ou outras atividades que envolve a linguagem falada, que prejudica a compreensão do mundo e da linguagem do surdo. Portanto, como revela este estudo, a comunicação na família é realizada por meio de gestos de familiares com os surdos, isto fica restrito à família porque não tem ninguém de fora, a família conseguiu se comunicar com o surdo, o que o levou ao isolamento.

Quando questionados sobre a relação pais-escola, os participantes responderam que é bom, significa que a interação entre família e escola é boa, o que é benéfico para o desenvolvimento de alunos surdos, o que confirma a pesquisa de Hollerweger e Catarina (2014), que enfatizou que as parcerias entre casa e escola, quando fortalecidas, contribuem para uma forma importante no processo de educação de alunos surdos para ajudá-los a enfrentar obstáculos na escola. Isso mostra que a família se esforça para ser

consistente com a direção da escola, com os professores, os pais vão na escola normalmente, eles acompanham tudo para saber o que de fato acontece com seu filho.

Quando a família acompanha diretamente a educação da criança, frequentar a escola, se envolvido - esta interação da família com a escola contribui de alguma forma, pois esse cuidado é importante para o sucesso do aluno, o que é consistente com a pesquisa de Hollerweger e Catarina (2014), que defendem que a interação casa-escola é benéfica para o desenvolvimento e habilidades dos alunos para ajudá-los a superar desafios que possam surgir ao longo do caminho do processo de estudo do aluno. Ainda sobre a relação entre família e escola, Faleiro, Farias e Silva, (2017), comprovado para aproximar as famílias da escola, o desenvolvimento da pessoa surda potencializa sua aprendizagem. Sobre os maiores desafios do seu filho na escola, este relato envolve a comunicação.

Como comentaram os participantes, os surdos precisam de um engajamento com outros usuários de Libras e isso corrobora a pesquisa de Viana e Tomasi (2020), que relataram a importância do contato com adulto para crianças surdas em seu estudo, os usuários de Libras alertam que não são os únicos usuários da língua. Existem Segundo Roldão e Aguiar (2016), as crianças surdas precisam ser colocadas em conexão com adultos surdos que falam Libras fluentemente, facilitando o domínio do idioma através das interações com os outros. Ainda sobre o ensino de Libras, Viana e Tomasi (2020), destacam que as crianças surdas estendam as mãos para adultos que usam línguas surdas para ajudá-los a se desenvolver linguisticamente e perceber que eles não são os únicos usando Libras, então não se sintam sozinhos no mundo.

A importância do apoio familiar também foi observada quando pais envolvidos na educação de seus filhos, matriculando-os em escolas frequentadas por surdos e a exposição precoce a Libras. Assim, desenvolvem o aprendizado e o raciocínio e se sai bem na escola. FARIA; CAVALCANTE, (2011). Com relação à proposta de dar aulas de Libras na escola do filho, os relatos infelizmente são isso, não aconteceu. As escolas fornecem apenas intérpretes presentes, deixando os alunos se sentindo sozinhos e em isolamento, de modo que a comunicação e a interação com os outros ficam

prejudicadas, portanto, as barreiras linguísticas e de comunicação são um dos grandes desafios enfrentados pelos alunos surdos voltados para a educação formal, voltado para a família. Observe que o filho do participante encontrou dificuldade em fazer amizades por ter pouco contato com pessoas que sabem Libras, e como ela se comunica com os intérpretes apenas nesse idioma, mesmo na família essa linguagem não é utilizada. PEREIRA, (2011).

Portanto, é necessário inserir o ensino de Libras nos currículos escolares, segundo relatório do Ministério da Educação. Brasil, (2014), A educação de surdos não pode estar vinculada à condição auditiva dos alunos, deve ser educação linguística/cultural garantida em escolas bilíngues selecionadas, distinguir e basear grupos de alunos, não em deficiências, mas em as disposições legais reconhecem a especificidade linguística e cultural das pessoas surdas e, portanto matrícula de alunos surdos precisa de ajustes no sistema de ensino e garantir verdadeiramente o direito dos alunos surdos de receber educação bilíngue em todos os aspectos da trilha estudantil.

Em relação à educação inclusiva, para os participantes, foi uma forma de seus filhos não sofrerem preconceito, mas se eles tem programas ou professora em sala especial, e ensine Libras com exclusividade e eles aprenderão mais, por isso os pais devem participarem mais e incentivar os filhos e matricular em uma sala especial do ensino regular, o que indica que os participantes desejam que seus filhos tenham Guiado por Libras como L1. O relatório mostra que os participantes acreditam que a educação inclusiva dá ao seus filhos a oportunidade de serem Livres de preconceito ou discriminação. Segundo Hoolleweger e Catarina (2014), as escolas podem ser pontes para o apoio mútuo, diante das barreiras sociais de desenvolvimento de pessoas com deficiência.

A educação inclusiva visa oportunidades iguais para todos, tenham ou não necessidades especiais, todos têm a oportunidade de aprenderem, e viverem em um mundo sem o preconceito, cujas potencialidades são despertadas e utilizadas para formar pessoas. Promove o desenvolvimento da aprendizagem, quando famílias e escolas interagem e buscam promover a inclusão e superar as barreiras de linguagem e comunicação do deficiente auditivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento integral dos alunos, as famílias e as escolas devem ser parceiras, andarem juntas, essa interação beneficia muito o desenvolvimento dos alunos surdos, e a inclusão visa superar as barreiras do preconceito, dificuldades encontradas pelos alunos e se os problemas que os surdos enfrentam na educação formal e se o processo de inclusão está realmente acontecendo e também pesquisar casos em uma abordagem qualitativa que envolvam uma investigação mais profunda, buscando respostas às perguntas feitas pelo pesquisador sobre o fenômeno em estudo.

Após anos de intensa luta pela conscientização e reconhecimento LS, pode-se dizer que grandes avanços foram feitos tudo por uma causa maior partindo de um novo contexto no final do século XX, por compreensão mundial da diferença e inclusão social, e a pesquisa traz conhecimentos e esclarecimento sobre o assunto de forma científica. A estrutura gramatical da própria língua, dos parâmetros gerais, tem as mesmas características linguísticas de outras línguas, está em desenvolvimento da cultura visual sinalizada e fortalecendo a educação bilíngue como base para a educação de surdos.

No Brasil, esses avanços estão refletidos em documentos nacionais, para legitimar a linguagem, seu uso e papel na educação de surdos. No entanto, tanto quanto na prática, surgiram lacunas na realização do discurso jurídico - mesmo estes ainda são inferiores ao que o movimento surdo reivindica. Dentro dessa Lacuna, há diferenças entre o número de crianças e jovens surdos ou deficientes. Aparelhos auditivos determinados estatisticamente e o número de candidatos válidos da educação básica, mostrando que muita gente ainda está fora da escola.

Ações que permitem acesso eficiente e oportuno, raramente são expressas, adaptando crianças surdas ao sistema linguístico. O processo de compromisso final da educação de alunos surdos inseridos em salas regulares de quando jovem, havia intérpretes de libras presentes, mas nenhuma fluência neste idioma acaba por reforçar a lógica da exclusão e do atraso. Apesar das evidências científicas existentes, várias ordens em seu desenvolvimento para

assumir tais consequências, conforme demonstrado por diferentes estudos. Esse tema é retratado. LODI, (2013); (2014); FERNANDES, MOREIRA, (2014).

Além disso, a rigor, requer o uso de pelo menos 3 técnicas diferentes de coleta de dados, que isso se tornou impossível devido à pandemia. Assim, por sugestão do Ministério da Indústria e Informática e por restrições de saúde reduzidas para evitar reuniões, ordens municipais e estaduais, contato direto para evitar a contaminação e propagação do vírus. Com isso é impossível, por exemplo, usando técnicas de observação. MARCONI; LAKATOS, (2017). também escolheu se apenas um participante estiver registrado dentro dos limites.

Fica claro que quando as famílias se envolvem na vida escolar de seus filhos e interagem em conjunto com a escola, contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Embora a família dos participantes surdos não sabe Libras, mandam seus filhos para a escola de Libras e tentam evoluir. Esta valiosa ação reflete a extrema importância para o desenvolvimento da criança. Estudo também revela que alunos surdos enfrentam dificuldades para se comunicar devido à barreira do idioma. Eles se sentem isolados porque há poucas pessoas com quem podem se comunicar em seu idioma, mesmo na escola. Por fim, fica claro que o apoio familiar é muito importante para ajudar as pessoas surdas a desenvolverem sua aprendizagem e desenvolvimento, é necessário a integral conexão social. No entanto, para ser realmente inclusivo, há uma necessidade urgente de ensinar Libras com qualidade. Para obter realmente um resultado positivo em relação a aprendizagem dessa nova clientela. E que realmente as escolas regulares consiga dar uma educação de fato inclusiva.

REFERÊNCIAS

ABREU, Pollyanna Miranda. **Recomendações para Projetos de TICS para Apoio a Alfabetização com Libras**. 119 p. Dissertação (mestrado em Ciência da Computação) Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Minas Gerais-Belo Horizonte, 2010.

ALMEIDA, Paulo. **Educação Lúdica** - Técnicas e Jogos Pedagógicos. 11 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

BASSO, Idavania Maria de Souza; MASUTTI, Karin Lilian, Strobel, Mara. **Metodologia de Ensino de Libras**. Disponível em: [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS .pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS.pdf). Acesso em: 28/11/22, 14:30.

CARVALHO, Rosita Edler. **Integração e Inclusão**: Do que estamos falando? In: Salto para o Futuro/Educação especial: tendências atuais. Brasília, 1999.

COELHO, O. **Perscrutar e Escutar a Surdez**. Portugal, 2005.

DECRETO nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Especial. **Saberes e práticas para inclusão**: estratégias para alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, 2000;

DECRETO nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004. **Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências**. Brasília, 2004.

ESPOTE, R. Inclusão de surdos: revisão integrativa da literatura científica. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 1, p. 77-88, jan./abril 2013.

KOZLOWSKI, L. A educação bilíngüe-bicultural do surdo. In: LACERDA, C.B.F.; NAKAMURA, H.; LIMA, M.C. (Org.). **Surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus, 2000.

LEITE, Maurycéia. Revista Diálogos. **Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais**: a Pedagogia numa perspectiva bilíngüe. V. 4, N. 1, 2016.

KLEIMAN, Angela Bustos. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola**. In: Angela Kleiman (org.). Os significados do

letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

MADER, Gabrielle. **Integração da pessoa portadora de deficiência: a vivência de um novo paradigma.** In MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A integração da pessoa portadora de deficiência. São Paulo: Memmon, 1997.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. (org.). Inclusão Escolar: **O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MELLO, A. F. G.; HOSTINS, R. C. L. Construção mediada e colaborativa de instrumentos de avaliação de aprendizagem na escola inclusiva. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 63, 2018.

OLIVEIRA, Walquiria, Dutra. **Estudos Sobre a Relação entre Interpretador e o Professor:** Implicações para o Ensino de Ciências. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

PERLIN, G. T. A cultura surda e os intérpretes de língua de sinais (ILS). **Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 136-147, 2006.

QUADROS, Ronice, Müller. Revista textura. **Alfabetização e o ensino da língua de sinais**, n. 3, 2000.

RIBEIRO, Regiane, Sales. **PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS SURDOS.** Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/processo-de-alfabetizacao-dos-alunos-surdos/107706/>. Acesso em:

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização e letramento:** as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Minas Gerais, nº 25, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>>. Acesso em:

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000.

WESTIN, R. **Baixo alcance da língua de sinais leva surdos ao isolamento.** Especial Cidadania, Senado, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/baixo-alcance-da-lingua-de-sinais-leva-surdos-ao-isolamento>>. Acesso em:

VELOSO, Siqueira. **A Alfabetização do indivíduo Surdo: primeiro em LIBRAS ou em Português?** Ana Carolina Disponível em: http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss19_04.pdf. Acesso em: